



REFLEXÕES SOBRE A SOCIEDADE DIGITAL: CAMINHOS PERCORRIDOS ENTRE A REALIDADE E A FICÇÃO

REFLECTIONS ON THE DIGITAL SOCIETY: PATHS TAKEN BETWEEN REALITY AND FICTION

GISELLE SILVA SOARES¹

Resumo: O presente texto destaca as características da sociedade digital com ênfase nas relações sociais e sua relação com o desenvolvimento tecnológico. Retoma os principais acontecimentos que suscitaram a configuração de tal sociedade e os efeitos da utilização da rede para os indivíduos. A realidade social é retratada também a partir do exemplo de algumas produções audiovisuais, o que permite relacionar ficção e realidade, bem como aproximar a realidade social das imagens produzidas, entendendo que, além de retratá-la, essas produções indicam caminhos e configurações futuras para a vida em sociedade.

Palavras-chave: sociedade digital; contemporaneidade; individualismo; cypherpunks.

Abstract: This paper highlights the features of digital society with emphasis on social relationships and their relationship with the technological development. It resumes the main events giving rise to the configuration of such a society and the effects of using the network for individuals. The social reality is also shown from the example of some audiovisual productions, allowing fiction and reality to work together, as well as approaching the social reality of the images produced, meaning that, in addition to portraying it, these productions indicate paths and settings for future life in society.

Keywords: digital society; contemporaneity; individualism; cypherpunks.

¹ Professora doutora em Serviço Social pela PUC-SP, graduada em Ciências Sociais pela USP. Professora de ensino superior e pesquisadora sobre as relações sociais e políticas sociais



INTRODUÇÃO

As páginas que seguem destacam a dimensão social do uso da tecnologia, pois ela está presente em nossas vidas e seu desenvolvimento remete ao desenvolvimento da sociedade, sobretudo nas últimas décadas.

Fazemos uso da tecnologia de várias formas, mas pouco refletimos sobre a relação entre sociedade, desenvolvimento tecnológico e relações sociais, muito menos sobre o efeito que a tecnologia tem em nossas vidas. A partir dela, orientamos nossas vidas, estreitamos vínculos e até nos distanciamos de pessoas.

Nesse sentido, o momento em que vivemos caracteriza-se por inúmeras determinações sócio-históricas, ou seja, chegamos a tal ponto ou a tal momento da civilização em função de uma série de acontecimentos que marcaram a vida em sociedade e até impulsionaram o cenário social atualmente.

Dessa forma, é importante prestar atenção às representações da vida em sociedade. As produções audiovisuais são boas ferramentas para isso — elas são capazes de potencializar nosso comportamento. Os efeitos das determinações sócio-históricas para a vida em sociedade permitem que possamos relacionar a própria realidade com a imagem desta.

Tal aproximação possibilita que elaboremos ideias acerca do nosso tempo, da nossa sociedade, das nossas necessidades e da relação que estabelecemos com os recursos tecnológicos. Esse debate permite identificarmos a dimensão positiva do uso da tecnologia. Por intermédio dela, podemos pesquisar, aprofundar o conhecimento que temos, retomar contatos ou preservá-los, tornar nossa imagem pública. No entanto, temos pouca reflexão sobre essa temática e não associamos muito a vida em sociedade com a utilização que fazemos da tecnologia.

Portanto, este artigo propõe uma reflexão sobre os efeitos da tecnologia para a vida em sociedade. Sabemos que tal processo é irreversível, mas podemos desfrutar das ferramentas disponíveis a nós com consciência sobre nossas relações; podemos, ainda, vislumbrar caminhos futuros sobre nós e sobre o próprio desenvolvimento tecnológico.

A NOSSA SOCIEDADE DE HOJE

Como podemos definir a sociedade do nosso tempo? É comum ouvirmos que somos a sociedade da informação, a sociedade digital ou que somos a sociedade do consumo. Tais concepções afirmam características presentes na vida em sociedade, mas não dizem tudo sobre nós. A questão é: o quanto essas características estão presentes em nossas vidas, o quanto elas alcançam as relações sociais constituídas por nós?

As máquinas realizam hoje uma espécie de mediação entre cada um de nós e as pessoas com as quais nos relacionamos, bem como com o mundo que nos cerca, pois constantemente estamos ligados ou conectados à máquina ou à rede — trabalhamos, estudamos, criamos, postamos, curtimos, acompanhamos, espiamos. Enfim, realizamos a nós mesmos por intermédio da tecnologia, seja pela utilização dos aparelhos ou das ferramentas que nos cercam, seja pelas informações disponíveis na rede.

O individualismo é marca da existência humana, porém cada vez mais nos tornamos individualistas. Nesse sentido, dependemos da rede para criar uma imagem satisfatória de nós mesmos. Precisamos desse distanciamento do outro para complementar a nossa existência, para afirmar aquilo que criamos sobre nós, ou seja, aquilo que queremos ser.

No entanto, nos tempos de hoje, cabe uma indagação: o que aconteceu no final do século passado para que chegássemos até aqui? É importante aproximar os acontecimentos do último século com o nosso ritmo de vida, no esforço de compreender a relação entre os acontecimentos



sócio-históricos, as relações que estabelecemos uns com os outros e, ainda, nossas escolhas aparentemente individuais.

A compreensão dos acontecimentos relevantes e decisivos para a constituição da sociedade atual permite a reflexão sobre o nosso modo de vida e sobre o movimento das relações sociais. Além disso, possibilita uma participação consciente diante dos recursos tecnológicos que complementam nossa existência e dá indícios às direções trilhadas na formação de caminhos futuros.

CAMINHOS DE ONTEM

A sociedade contemporânea tem a separação entre tempo e espaço como uma das suas principais marcas, isto é, deixamos de depender do deslocamento no nosso espaço para realizar coisas. O desenvolvimento tecnológico favoreceu tal realização, e passamos a transitar entre o mundo real e o mundo virtual. Em decorrência disso, fazemos e decidimos coisas sobre nossa vida e sobre nossas responsabilidades sem sair de casa. Portanto, experimentamos uma nova relação com o tempo, uma vez que produzimos mais coisas em menos tempo.

Cabe ressaltar que as características da sociedade atual fazem parte de um processo sócio-histórico e de uma série de mudanças ocorridas na segunda metade do século XX, conforme destaca Hobsbawm (2002). Vale dizer que tais mudanças intensificaram-se nas primeiras décadas do século XXI. Em linhas gerais, essas mudanças deixaram as relações sociais mais complexas e propiciaram o encurtamento entre tempo e espaço promovido pelo desenvolvimento tecnológico.

Entre tais mudanças, destacam-se ainda: o processo de globalização, as mudanças em torno do processo produtivo e das relações de trabalho e a crise dos princípios e dos valores democráticos, bem como a valorização do individualismo.



O processo de globalização gerou uma nova ordem social que promoveu, sobretudo, uma reconfiguração do ponto de vista das relações políticas entre os diferentes países. Isso quer dizer que as relações internacionais, tanto políticas como econômicas, ampliaram-se, e os países passaram a relacionar-se em blocos regionais ou compondo grupos orientados por diretrizes internacionais, como no caso dos grupos dos países mais desenvolvidos. Tal processo promoveu uma contraposição entre territorialização e desterritorialização, pois as barreiras territoriais tornaram-se simbólicas. Isso se deu graças à ampliação da potencialidade para as livres negociações, o que fez gerar também a padronização tanto cultural quanto do mercado de consumo.

Nesse processo, ocorreu a aproximação e até a intensificação das tensões entre o mundo ocidental e o oriental. Afinal, além do desenvolvimento econômico, passamos a conviver com as peculiaridades socioculturais do oriente com ênfase nas questões religiosas. Cada vez mais obtemos notícias sobre o comportamento, os costumes e as manifestações religiosas do oriente, por exemplo; de algum modo aprendemos com esse mundo adverso ao nosso.

A mundialização do capital é uma das características do processo de globalização e ocasionou mudanças para o processo produtivo. O capitalismo passou a orientar-se também pelas transações financeiras que são operadas muitas vezes à distância, gerando um fluxo de transações globais. Neste contexto, vivemos a prevalência do capitalismo financeiro. Essa organização impulsionou mudanças para o trabalho — tivemos a diminuição de postos de trabalho na indústria, o aumento do desemprego, a ampliação do setor de serviços, a criação de novas profissões e novas formas de contrato de trabalho marcadas pela flexibilidade.

As relações globais estimularam uma crise interna nos países, pois os Estados passaram a dialogar e a negociar com intensidade no cenário mundial, respondendo a tais diretrizes. Dessa forma, internamente demandas nacionais foram adequadas aos debates e às exigências internacionais. Relacionado a isso, diferentes países vivenciam uma crise do ponto de vista da



promessa da democracia, visto que o exercício da liberdade ampliou-se e as instituições sociais e políticas tiveram que se reorganizar a fim de responder aos padrões globais de desenvolvimento.

Tais fatores têm reflexos nas relações sociais, que se realizam no trânsito entre a realidade e a virtualidade – muitas vezes realizamos no mundo virtual o que não conseguimos realizar na vida real. Nesse sentido, as redes sociais contribuem para tal feito, pois é nelas que construímos o ideal de nós mesmos; nosso melhor está exposto lá, ou aquilo que gostaríamos que fosse o nosso melhor.

Passamos a administrar tempos e espaços diferentes, que complementam nossa existência; muitas vezes o mundo virtual sobrepõe-se ao mundo real. Tal condição gera uma espécie de confusão: substituímos as relações na esfera real pelas relações virtuais, ou seja, as relações sociais que deveriam realizar-se na vida real ou concreta acabam realizando-se, sobretudo, na virtualidade.

Para Bauman (2009), a fragilidade das relações do nosso tempo revela uma modernidade líquida, os laços afetivos e as relações de amizade começam e terminam como muita facilidade. A superficialidade é a marca das relações ou dos relacionamentos de nossa sociedade.

Temos a impressão de exercitarmos uma intensa liberdade, afinal, escolhemos os caminhos que seguimos na vida em sociedade e no mundo virtual. Entretanto, percebemos que não somos tão livres assim; experimentamos um isolamento, mas nossos passos facilmente são identificados e controlados. Disso decorre a dúvida sobre o futuro das relações sociais e a função do desenvolvimento tecnológico em nossas vidas.



ENTRE O TEMPO DE AGORA E O NOSSO AMANHÃ

Para refletirmos sobre nossa realidade, podemos recorrer às imagens produzidas sobre nós, nossos hábitos e comportamentos, pois a imagem recria e remonta elementos constitutivos da realidade.

A realidade e a ficção associam-se à realidade social e ao mundo virtual, assim, experimentamos uma sensação de liberdade; porém, na rede mundial, somos controlados e direcionados a possíveis necessidades nossas. A maioria das pessoas tem acesso à superficialidade da rede. Na verdade, o mundo virtual é um mar profundo e seus usuários alcançam apenas a superfície exposta. Contudo, existe uma rede de profissionais e exploradores trabalhando na profundidade dela, e, com isso, nossos dados são processados e estratégias políticas são reveladas. A liberdade de participar da rede mundial é, ao mesmo tempo, uma maneira de monitorar os indivíduos e até as relações de poder e as econômicas.

A animação *Epic 2014* (Museum of Media History, 2004) debate a qualidade da informação disponibilizada na sociedade contemporânea e apresenta uma previsão do desenvolvimento da rede mundial e das instituições que atuam com o tratamento da informação. Nesse aspecto, indica que caminhamos para um sistema de interconexão em que todos irão produzir informação. Esse sistema será capaz de levar-nos ao caos, visto que será inviável validar todas essas informações e ficaremos perdidos diante de tantas fontes e de tantas indicações ao nosso redor.

Tal previsão aproxima-se da explicação de Bauman (2011) sobre o momento em que vivemos, pois as relações sociais alteraram-se de tal forma que nos tornamos indivíduos em busca de afirmação no espaço social — prevalece na vida em sociedade a disputa e a competição no lugar da solidariedade, e o clima de incerteza está presente nas relações e nos espaços sociais. O

resultado disso é que a responsabilidade por possíveis fracassos realiza-se no plano individual, característica que reforça a dimensão imediatista da vida e das coisas.

Segundo o autor, a busca pela realização pessoal decorre da derrota, do risco de ficar sem participar do movimento da sociedade, o que se amplia para as redes sociais. Isso gera uma passividade nos indivíduos. Nesse processo, nós nos distanciamos do ideal utópico que representou outrora a força potencializadora para a transformação. Ao contrário, percorremos nossa existência sob o risco da incapacidade de refletir sobre nossas relações e nosso momento atual de vida. Assim, a utopia da contemporaneidade é percorrer trabalhando para realizar-se, embora nos deparemos com a insatisfação diante do que realizamos.

Nessa perspectiva, o filme *Ela* (Jonze, 2013) aborda a proximidade entre o homem e a tecnologia. Ele retrata o modo de vida do século XXI com ênfase no individualismo e na solidão, destacando a dificuldade que os indivíduos têm para relacionarem-se, e o resultado são relações sociais marcadas pela impessoalidade. Se na produção audiovisual as relações são impessoais, em complemento a isso, a vida acontece em um centro urbano que reforça a impessoalidade e prevalece o tom cinza dos grandes prédios.

A frieza da cidade e o distanciamento entre os indivíduos complementam-se com uma nova ferramenta tecnológica, um sistema operacional inteligente a ponto de conversar com seu proprietário e organizar a vida dele. A voz ganha personalidade à medida que realiza tarefas do cotidiano de seu dono, o que acaba por gerar uma dependência que se configura como afinidade. A consequência disso é que o homem passa a relacionar-se com a voz do sistema operacional e vive situações de aconchego e intimidade com ela.

O homem passa a relacionar-se com uma voz construída tecnologicamente e substitui, então, a proximidade com outros humanos para desfrutar de momentos exclusivos e íntimos com seu sistema operacional. Aqui a grande questão é: um indivíduo realmente pode manter uma relação com um sistema operacional? A relação constituída entre esses dois diferentes personagens pode ser mesmo um momento exclusivo, único?

Dessa forma, o filme mostra a dificuldade que temos em relacionar-nos com outros indivíduos, uma vez que o individualismo gera inúmeras barreiras para alcançar o outro, igual a nós. Muitas vezes, não conseguimos interagir com o nosso semelhante, mas nos sentimos exclusivos e protegidos na interação com um aplicativo. O processo de inversão que vivenciamos aproxima-nos da máquina e distancia-nos daqueles com quem poderíamos compartilhar projetos e sonhos.

A máquina e o sistema operacional são símbolos de padrões de consumo. Nós estreitamos nossas interações e sentimos que controlamos uma situação. Entretanto, esquecemos que, nessa interação, nossos dados, nossa intimidade e nossa vida, tudo isso é processado e, se necessário, divulgado na rede — ou seja, resistimos a confiar em nosso semelhante, mas confiamos em um sistema que processa informações onde somos tratados como um número, um perfil com probabilidades para fazer determinadas escolhas.

Os efeitos da rede em nossas vidas esbarram no individualismo necessário para que afirmemos nossa existência, mas as possibilidades de controle e até de realização na rede perpassa uma dimensão que é também social. Reconhecendo esse aspecto, podemos indagar sobre os caminhos possíveis para a trajetória da humanidade considerando o excesso de controle, a ideia de que acessamos apenas a superfície da rede e o fato de que o desenvolvimento tecnológico é também instrumento de poder.

Nesse sentido, o filme *Elysium* (Blomkamp, 2013) retrata uma situação de segregação social na Terra em função do desenvolvimento tecnológico. Tal situação é retratada na produção audiovisual a partir da separação das pessoas que ocupam o planeta e pessoas com potencialidade para ocupar a colônia espacial *Elysium*; nesse caso, o passaporte de acesso a essa colônia é a condição socioeconômica favorável.

O desenvolvimento tecnológico e seus benefícios estão contidos em *Elysium* e a Terra acaba por virar um lugar onde se concentram as mazelas e as expressões da questão social — isto é, a pobreza e a falta de desenvolvimento concentram-se na Terra, enquanto toda a tecnologia de

ponta da colônia espacial respalda as ações de domínio e controle sobre a outra colônia. Cabe à população da Terra produzir o necessário para suprir todo o desenvolvimento contido em *Elysium*. Esse aspecto indica a relação de domínio e submissão presentes na sociedade. O filme ainda retrata a capacidade de monitorar os indivíduos, controlando cidades e situações de desigualdade.

Quando nos comunicamos por internet ou telefonia celular, que agora está imbuída na internet, nossas comunicações são interceptadas por organizações militares de inteligência. É como ter um tanque de guerra dentro do quarto. [...] Nesse sentido, a internet, que deveria ser um espaço civil, se transformou em um espaço militarizado. Mas ela é um espaço nosso, porque todos nós a utilizamos para nos comunicar uns com os outros, com nossa família, com o núcleo mais íntimo de nossa vida privada. Então, na prática, nossa vida privada entrou em uma zona militarizada. É como ter um soldado embaixo da cama. É uma militarização da vida civil (ASSANGE, 2013, p.44).

No entanto, o filme também destaca que o desenvolvimento tecnológico pode estimular a criação de uma utopia comum a um grupo, afinal, a capacidade criadora humana independe do cenário ou do lado em que se está. Mesmo na condição de submissão, grupos sociais podem ser formados e mobilizarem-se de forma solidária com o intuito de realizar uma utopia.

Os cypherpunks podem instituir um novo legado na utilização da criptografia por parte dos atores do Estado: um legado para se opor às opressões internacionais e dar poder ao nobre azarão. A criptografia pode proteger tanto as liberdades civis individuais como a soberania e a independência de países inteiros, a solidariedade entre grupos com uma causa em comum e o projeto de emancipação global. Ela pode ser utilizada para combater não apenas a tirania do Estado sobre os indivíduos, mas a tirania do império sobre a colônia. Os cypherpunks exercerão seu papel na construção de um futuro mais justo e humano. É por isso que é importante fortalecer esse movimento global (ASSANGE, 2013, p. 19).

Nesse cenário, emergem os personagens que ocupam o subterrâneo da rede e representam a capacidade de enfrentar e duelar com as forças dominantes, utilizando as mesmas ferramentas tecnológicas. Esse processo realiza-se à medida que se forma uma coletividade com objetivo comum, mesmo utilizando os recursos tecnológicos. Se é feito para o bem comum, para percorrer um ideal utópico, passamos a utilizar o desenvolvimento tecnológico com uma finalidade social,

experimentamos sair do isolamento e exercitamos a capacidade reflexiva que compõe a essência humana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O individualismo é uma marca da civilização e da modernidade. Ele se reforça com o desenvolvimento tecnológico do nosso tempo. Neste contexto, as relações sociais em parte realizam-se pela mediação da tecnologia, seja pela utilização de ferramentas, seja pela utilização de redes.

O isolamento alimenta o desenvolvimento tecnológico. À medida que substituímos o contato com o outro para realizarmos uma aproximação com o universo digital, acreditamos no exercício da liberdade, mas nos tornamos impessoais. Por um lado, buscamos alcançar a liberdade que sempre foi o projeto da civilização. Por outro, conectamo-nos à rede, e, com isso, participamos da sociedade digital, mas também passamos a ser controlados, monitorados e convidados a escolher caminhos.

A ideia de que se tem uma rede nos subterrâneos da rede sustenta o fato de que nossos passos são controlados e informações são cruzadas no sentido de proteger dados e informações.

Os acessos, curtidas e cliques da rede deixam um rastro de nós mesmos, sendo possível levantar nossa trajetória, nossas escolhas, nossas preferências ou tendências. O que significa dizer que o passado e o presente ficam registrados; isso permite a consulta e elaboração de hipóteses sobre nossa personalidade e nossos comportamentos.

Caminhamos para uma possível fragmentação da rede, ou seja, corremos o risco de ficarmos restritos ao nosso ambiente local devido à complexidade que se constitui do ponto de vista da velocidade e do volume de informações para todos nos diferentes lugares do globo.



Porém, tal fragmentação reforçaria ainda mais as possibilidades de controle por parte do Estado e por parte de grupos hegemônicos.

Não podemos descartar o risco de constituir-se uma guerra digital. Podemos caminhar para o momento em que os ataques de uma nação à outra podem ocorrer por via da invasão cibernética, pela alteração de dados arquivados em ambiente virtual.

Tal fator geraria um clima ainda mais tenso, competitivo e individualista na sociedade, porque geraria a necessidade de uma excessiva proteção. Por outro lado, os riscos da rede podem gerar também um diálogo local que se realiza em blocos, capaz de estimular a formação de identidades e laços comunitários, mesmo que realizados em ambientes virtuais.

Devemos considerar o risco de os conflitos e as disputas de poder intensificarem-se ainda mais. Todavia, como a vida em sociedade constitui-se como contraditória, isso pode estimular a formação de uma comunidade capaz de resistir aos ataques virtuais e propor caminhos que possam ser trilhados na busca do bem comum.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. *A Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

_____. *Bauman sobre Bauman*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

ASSANGE, Julian. *Cypherpunks: liberdade e o futuro da internet*. São Paulo: Boitempo editorial, 2013

FILMES

ELA. Diretor: Spike Jonze. Produtor: Megan Ellison. Warner Bros. 2013. DVD.

Elysium. Diretor: Neill Blomkamp. Produtor Bill Block, Neill Blomkamp e Simon Kinberg. QED International / Alphacore / Kinberg Genre. 2013. DVD.

EPIC 2014. Museum of Media History. 2004. DVD.



GISELLE SILVA SOARES

Professora doutora em Serviço Social pela PUC-SP, graduada em Ciências Sociais pela USP. Atua como professora de ensino superior e pesquisadora sobre as relações sociais e as políticas sociais.

Artigo recebido em 06/07/2014

Aceito para publicação em 24/07/2014

SOARES, Giselle Silva. REFLEXÕES SOBRE A SOCIEDADE DIGITAL: CAMINHOS PERCORRIDOS ENTRE A REALIDADE E A FICÇÃO.

Revista Paidéi@. Unimes Virtual. Volume 06 – Número 10, julho/2014. Disponível em:

<http://periodicosunimes.unimesvirtual.com.br/index.php?journal=paideia>